

Redacção, Administração, Tipografia
CALCADA DO COMBRO, 34-A, 2.º andar
LISBOA - PORTUGAL
TELEFONE 339 TRINDADE
Officina de Impressão e Estereotipia
RUA DA ATALAIA, 114 e 116
Este jornal não se publica em domingos e feriados.
Não se devolvem os originais. — Dos artigos publicados não se responsabiliza os seus autores.

A BATALHA

Director: MANUEL DA SILVA CAMPOS
Editor: CARLOS MARIA COELHO
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO
Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores
Assinatura: Incluindo o suplemento semanal, Lisboa, 90\$00; Província, 3 mezes 225\$00; Africa Portuguesa, 6 mezes 700\$00; Estrangeiro, 12 mezes 1100\$00.

SÁBADO, 11 DE JULHO DE 1925 DIÁRIO DA MANHÃ PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA PREÇO 30 CENTAVOS — ANO VII — N.º 2027

UMA DECISÃO DESUMANA!

O chefe do governo declarou que não consentira que os deportados regressassem à metrópole!

Esta declaração vem exacerbar a indignação com que a classe operária recebeu a maior das afrontas e a mais cruel das iniquidades. Deportar homens, sem julgamento prévio, é uma monstruosidade à face de todos os sentimentos de humanidade e das próprias leis burguesas. Persistir nesses erros odiosos é agravar a injustiça cometida, é calcar a consciência e a justiça das classes trabalhadoras!

Mandar prolongar a existência dos deportados na Guiné equivale a condená-los à morte!

Porque foi "A Batalha" impedida de circular?

O governo enveredou pelo caminho das violências. Ainda não está há uma semana no poder e já demonstrou que está na disposição de manter a tradição democrática que consiste na perseguição obstinada à liberdade de pensamento e de refúgio — a todas as liberdades — e na perseguição feroz às classes trabalhadoras.

A Batalha que já vem há tempos sofrendo uma vexatória censura que lhe cerceia a sua liberdade e lhe causa grandes prejuízos, foi ontem apreendida, sentindo assim duramente que está no poder o homem que simboliza a corrente de infama repressão que de há tempos se vem desencadeando contra o operariado.

Que fez ontem A Batalha para ser apreendida?

Comentou as declarações do presidente do ministério feitas ao Diário de Notícias. Não as deturpou, não as torceu, publicou-as na íntegra. Que atitude tinhamos nós de tomar que não fosse a de energético protesto? Então A Batalha que não é das "forças vivas" podia apelar a um critério governamental, anti-judicial, sob o ponto de vista burguês, um critério digno dos menores das "forças vivas", ressumando o gozo, estabelecendo a pena de morte, sem julgamento? Então A Batalha podia ficar calada, impassível perante a sinistra declaração de que a Guiné não se volta mais, que a Guiné é a estrada da morte, o caminho recto e curto para o cemitério?

A liberdade é a condição essencial da vida. Sem liberdade não há, não pode haver vida. Não é da vida que A Batalha abdica da liberdade — que de resto as leis lhe reconhecem — deixando de viver. Ora A Batalha não é um jornal de cobardes, nem de escravos. Quem consultar a sua colecção, constatará que ela tem sido sempre um grilo irado de revolta contra as iniquidades e uma testemunha de acusação formidável contra todas as tiranias. Em horas bem graves, em horas de perigo, ela nunca se intimidou, nunca tergiversou, nunca se afastou daquilo que considerou o seu dever.

O seu dever perante os espanhóis da política — era protestar. E protestou.

O seu dever perante os assassinos cometidos pela polícia era verberar. E verberou.

O seu dever perante as perseguições era combater. E combateu.

O seu dever perante as deportações era condenar. E condenou.

Notas & Comentários

O «crê ou morres»

Os democráticos têm levado quasi toda a sua existência política a aplicar como princípio da liberdade o «crê ou morres» a quem não é da grei. E' claro que a aplicação sistemática desse torvo critério ainda havia de lhes cair em casa, servindo-lhes de ração fulminadora.

O «crê ou morres» foi agora aplicado pelo Directorio do Partido Democrático aos seus correligionários esquerdistas que, dentro dele, se têm esforçado por combater as ideias conservadoras chefiadas por ex-marquinhos anafados e dirigentes ou cúmplices de grandes empresas.

O Directorio do partido intimou os esquerdistas a cessarem a sua propaganda, sob penas severíssimas. E, como estes se tivessem recusado a submeter-se, o Directorio está-lhes instaurando processos disciplinares com o fim de os irradiar.

Por sua vez, os ameaçados prepararam-se para resistir, e tudo leva a crer que o partido democrático nos vai proporcionar um espectáculo curiosíssimo.

Um aborto judicial

Dirigida ao ministro da Justiça publicou o sr. António Sebastião de Barros, dentista no Porto, uma carta aberta à qual deu o título de «Um aborto judicial». O sinónimo enervou-nos um exemplar, pelo qual verificamos que há dois meses sofre a perseguição do carcereiro da cadeia de Valpassos, que o acusa de ocultar um cartucho de dinamite e de ser fabricante e detentor de bombas explosivas, quando esteve detido naquela cadeia por um motivo fútil.

O artigo solicita que seja abreviado o julgamento para antes das férias judiciais a fim de rapidamente terminar uma situação que bastantes transtornos lhe está causando só por capricho do seu perseguidor.

Odio velho

A Tchecoslováquia está em conflito com o Vaticano por ter comemorado, com um culto oficial, o 5.º centenario de João Huss, uma das grandes vítimas da igreja. O nuncio apostolico abandonou já a Tchecoslováquia, tendo ido dar conta ao papa da atitude tomada por aquele país.

João Huss, que proclamou que a verdade estava acima da igreja foi por esta queimado vivo. Cinco séculos depois o odio da igreja contra ele ainda subsiste de modo a provocar conflitos como o que foi agora aberto. E' que ele não perdoa aos espíritos rebeldes quinhentos anos após o seu assassinato.

A igreja é insensível à generosidade e à piedade demonstrando assim estar profundamente integrada naquele conceito de Cristo: «amai-vos uns aos outros...» João Huss, ainda recentemente, com o seu 5.º centenario, conseguiu destruir uma das muitas hipocrisias católicas: «E' que morto o homem, a ideia fica».

Finalmente

Callero, após refugado político que a polícia prendeu na sede do Sindicato Mobiliário e que há quinze dias se encontrava no calabouço 8 do governo civil, foi libertado, às 16 horas, posto em liberdade. Momentos antes de ser solto perguntaram-lhe se conhecia os motivos da sua detenção.

Callero respondeu que não. Apenas sabia que há 15 dias tinha sido preso na sede do Sindicato Mobiliário. A polícia, em face desta declaração, mostrou-se surpresa com o sucedido.

Só por tropa podemos aceitar que a polícia ignorasse que Callero fosse uma das suas vítimas. Talvez por isso é que há presos há 40 dias incommunicáveis em várias esquadras.

A carabina da polícia

constitue um perigo para a população

Antes de se decidir que a polícia andasse armada de pistola, houve muito quem discutisse, mesmo da parte dos defensores acérrimos do princípio da autoridade, a inconveniência de se meter nas mãos de guardas, em geral boçais, sem nenhuma ponderação, nem nenhum conhecimento psicológico das situações em que tenham de se deitronitar com a população, uma arma mortífera que poderia assim representar um grave perigo para a vida das pessoas, mesmo as mais pacíficas deste mundo. Viu-se depois que tinham razão os que combatiam a ideia de se fazer dos policias elementos de destruição, em vez de mantenedores da ordem e da tranquilidade pública.

A morte de Guilherme Lima, o caso dos Olivais e outros e ainda há poucos dias a morte dos presos Domingos Pereira e Diamantino da Anunciação, provam bem a evidência como bem avisados andavam aqueles que entendiam que a polícia bastava o sabre para se defender e fazer o seu serviço de ruas.

Sucedeu, porém, que mais tarde a polícia foi fornecida o casse-lête. Parecia que o casse-lête teria esta utilidade: dispensar a pistola. Porém assim não aconteceu: a polícia acumulou o sabre, a pistola e o casse-lête.

Mas parece que ainda era pouco. Agora armam-na de carabina durante a noite, o que dá à cidade um aspecto pavoroso. Perseguram-se jornalistas que comunicaram para o estrangeiro um pouco imaginosa e certos acontecimentos da vida portuguesa. Contudo o espectáculo que se dá aos estrangeiros que passam por Lisboa com esse aspecto tético da cidade, dando a impressão de estar em permanente ameaça duma revolução, não nos parece que seja o melhor elemento de propaganda daquilo que os governos queriam que os jornalistas dissessem para o estrangeiro.

Há ainda um outro aspecto a considerar. Para que se arma a polícia com carabina? Para matar melhor. A carabina pode matar a distância e com mais certeza de pontaria. Isto é monstruoso, mas é assim.

Em toda a parte, mesmo em ocasiões de perturbações na rua, a intervenção da força pública faz-se por forma a evitar o mais possível os morticínios. E' por isso que não se emprega a infantaria mas a cavalaria. Pois a polícia armada de carabina, substituindo na mesma função a cavalo que facilmente poderia acudir a qualquer local, não é senão esse absurdo condenado em todos os países civilizados.

Em nome da tranquilidade pública e da vida dos nossos semelhantes, não podemos deixar de protestar contra este revoltante facto.

Congresso Confederal

A comissão organizadora dirige-se aos sindicatos aderentes à C. G. T.

A comissão organizadora do Congresso Confederal acaba de dirigir aos organismos confederados a circular que a seguir reproduzimos:

Aos sindicatos confederados

CIRCULAR N.º 49

CAROS CAMARADAS:

O Conselho Confederal da C. G. T. deliberou que o próximo Congresso fosse confederal e que o mesmo se realizasse em Santarém, nos dias 23, 24, 25 e 26 do próximo mês de Setembro.

A necessidade de que o mesmo Congresso seja unicamente confederal, isto é, dos sindicatos aderentes à C. G. T., e não de aderentes e isolados, explica-se no facto de nos Congressos anteriores se fazerem representar sindicatos que tomam parte na discussão de todos os trabalhos, votarem as suas decisões e findos os Congressos voltarem à situação de isolados, recusando aderir à Confederação e por tanto ao não cumprimento das decisões que livremente tomam naquelas magnas assembleias.

Tal procedimento origina situações equívocas de irresponsabilidade por parte de organismos que têm responsabilidades morais e sociais idênticas a queles que constituem por meio das Federações e Unões ou isoladamente, a Confederação Geral do Trabalho. A máxima: Não mais deveres sem direitos, não mais direitos sem deveres que aplicamos ao conjunto vital da sociedade burguesa e capitalista, tem neste particular e pelo que às coisas proletárias diz respeito, uma exemplar aplicação.

A resolução do Conselho Confederal para que o Congresso se realizasse em Santarém e não em Évora, conforme deliberação do Congresso da Covilhã, tem a seguinte explicação, que cada sindicato a quem esta é enviada poderá ter em consideração e que a sancionará ou não, conforme achar que é mais razoável.

— Estes três últimos anos foram de crise mais ou menos intensa para o proletariado, especialmente para o do norte, onde, por assim dizer, está concentrada a maior parte da indústria. Os efectivos sindicais sofreram grande abalo ressentindo-se do mesmo os cofres sindicais. A realização do Congresso em Évora comportaria gastos superiores às possibilidades materiais da maioria dos sindicatos e esse facto deveria ser tomado em consideração pelo Conselho Confederal e cremos que igualmente será considerado por todos os sindicatos — se têm em conta que a importância do Congresso resulta não só das decisões práticas que o mesmo tomará como do seu número de representações.

Santarém é um ponto mais central do que Évora — o que facilita a adesão e representação de todos os sindicatos do Sul, do Centro e do Norte do país.

Julgamos ser esta uma razão forte a atender e que o bom senso e o espírito de justiça dos sindicatos aprovará sem discrepâncias.

Da importância que o congresso confederal virá a atingir dil-o-lão as questões que ao mesmo vão ser submetidas a exame. Os acontecimentos dos últimos três anos, certos fenómenos da vida moral e colectiva do país, as condições de vida e de trabalho da época que decorre, as necessidades morais e materiais da organização, o seu robustecimento e a intensificação revolucionária e intelectual do operariado português, a defesa das suas liberdades ameaçadas, etc., são questões que merecem estudo e exame e que impõem decisões com carácter prático e eficiente, por forma que as máximas vantagens colectivas sejam acahadas em proveito da classe operária.

A todos os sindicatos confederados se dirige, pois, o Comité Confederal para que evitem o máximo dos seus esforços a fim de se fazerem representar no próximo I Congresso Confederal (IV nacional).

E' oportuno chamar a atenção dos sindicatos para as seguintes condições de adesão, consignadas nos estatutos confederados:

1.º. Cada sindicato faz-se há representar por um ou três delegados directos.

2.º. Os sindicatos de força do continente poderão fazer-se representar por delegados indirectos, os quais poderão acumular uma segunda representação, devendo esses delegados ser assalariados e confederados no exercício da mesma indústria dos organismos que representarem, salvo se os sindicatos são mistos;

3.º. Não serão aceites delegados que exerçam funções políticas de qualquer espécie e, bem assim cargos de confiança do governo, embora não políticos;

4.º. Cada sindicato, no officio de adesão, notificará o numero exacto dos seus delegados;

A quota de adesão para as despesas do Congresso será paga pelos sindicatos do seguinte modo:

Os sindicatos com a população até 100 membros, 15000; de 100 a 300, 25000; de 300 a 500, 50000; de 500 a 1000, 80000; de 1000 a 1500, 100000; além de 1500 sindicatos 150000.

Esta quota de adesão, assim como a indicação dos delegados que representem os sindicatos no Congresso, deverão ser enviados ao Comité Confederal até ao dia 15 de Setembro.

Todos os sindicatos poderão enviar ao comité quaisquer trabalhos para serem submetidos à discussão do congresso. Em tal caso essas questões deverão ser enviadas ao comité até ao dia 10 de Agosto, a fim de serem incluídas na Ordem dos Trabalhos.

Lisboa, 8 de Julho de 1925.

Sinacções sindicais.

Manuel da Silva CAMPOS
Secretário geral

A guerra de Marrocos

A acção rifeña é intensa e ininterrupta. Mil e quinhentos quilos de bombas lançadas pelos aviões franceses

RABAT, 10.—Abd-el-Krim está empregando as suas reservas na presente ofensiva, que constitui um esforço desesperado para cortar a linha Taza-Fez.

Depois de ter visto anular essa sua tentativa na direcção de Taza, transferiu a sua actividade guerrilha para o sector de Alu-Aicha, a noroeste daquela cidade para o baixo vale de Leuens, pelo qual espera marchar directamente sobre Fez.

A aviação francesa surpreendeu uma concentração de dois mil homens rifeños e dissidentes em El-Had, ao norte de Fez, lançando sobre eles toneladas e meia de bombas, que causaram o maior pânico entre os rebeldes causando-lhes 170 mortos e 300 feridos, segundo as informações recebidas do campo mouro.

As tropas francesas constantemente assediadas pelos rifeños

RABAT, 10.—Na região de Fez a El-Bali uma operação vivamente desenvolvida pelas tropas francesas conseguiu desembaracar várias aldeias das margens do Ouergha e libertar as pastagens.

A pressão rifeña aumenta, porém, continuamente ao sul do Ouergha, na região de Kelae des Sless.

Na região de Taza foram perdidas imobilizaram a ofensiva rifeña, continuando, porém, as forças de Abd-el-Krim concentradas a noroeste de Taza.

Um ataque dos mouros repellido

RABAT, 10.—O grupo móvel de Bab-Taza repellido um ataque dos mouros e retomou a posição de Fesbale, bem como algumas aldeias nas margens do Ouergha. As perdas do inimigo foram muito importantes. (L.)

O parlamento francês de acordo contra a colonização

PARIS, 10.—No decurso do debate de ontem sobre a situação em Marrocos, o sr. Poincaré desmentiu o boato da perda de Taza, e comunicou que em breve Abd-el-Krim terá conhecimento das condições de paz.

«No caso de as recusar» afirmou — a Fran-

ca responder-lhe-há com uma acção energética.

O sr. Roux Fraissineng, deputado por Oran, declarou que Abd-el-Krim é um aventureiro que reina pelo terror, sendo cada vez mais elevado o numero de rifeños que abandonam o seu distrito para trabalharem na Algeira.

O sr. Blum, em nome dos socialistas, declarou que estes não votariam contra os créditos que permitem à França defender-se da agressão rifeña, mas que se abstinham de os votar em consequência da tradição anti-colonial do partido, mas não se tratando, porém, duma questão governamental.

Os membros da missão parlamentar de inquérito que foi a Marrocos, fizeram o elogio da obra da França e da atitude tanto das tropas como da população europeia indígena.

PARIS, 10.—A câmara aprovou por 411 votos contra 29, os créditos pedidos para as operações em Marrocos.

A paz vai ser proposta aos rifeños

PARIS, 10.—«Le Matin», anuncia que o general Primo de Rivera, que se encontra sofrendo dum ataque gastrico, encarregou o negociador oficial espanhol Etchevarieta, de comunicar a Abd-el-Krim, as condições de paz estabelecidas pelo acordo obtido na conferência franco-espanhola, que vai ser assinado pelos dois governos interessados.

A revolta na China

Agência fornecedora de navios atacada à bomba

HONG-KONG, 10.—O governador da cidade declarou ontem à noite aos jornalistas que se encontra senhor da situação, todos os sintomas indicando que os grevistas voltam à razão.

Ontem à noite explodiram várias bombas junto da casa chinesa que se encarrega do aprovisionamento dos vapores da companhia «Empress of Canada». Os prejuizos são puramente materiais.

A expedição portuguesa a Macau não faltará música

Chegou ontem ao meio dia, ao Arsenal da Marinha, o contingente do exército que vai completar a guarnição da provincia de Macau, fazendo-se acompanhar de uma charama. O contingente embarcou pela manhã de tarde em vapores do arsenal para bordo do «Gil Eanes», largando este transporte de guerra do Tejo, pelas 16,30 horas.

Congresso dos Trabalhadores do Livro e do Jornal

Reuniram-se ontem a comissão organizadora do Congresso e que compareceram a maioria dos seus membros, ocupando-se de trabalhos da máxima importância para o bom êxito do mesmo.

Resolveu modificar a comissão revisora dos estatutos da Federação a qual ficou composta por Delim de Sousa Pinheiro, Eugénio Inácio e Alvaro Santos. Para a actualização das teses: Virgílio Moura Santos, Carlos José de Sousa, António Costa, Nogueira de Brito, Raúl de Sousa e um delegado dos Litógrafos. Ratificou a nomeação de secretário da comissão organizadora o camarada Virgílio Moura Santos.

Ficou resolvido intensificar a propaganda e a montagem de Ligas e Núcleos Gráficos na provincia e marcou a realização do Congresso para 23, 24 e 25 de Setembro em Santarém. Fixou a quota de adesão em 200\$00 para os organismos que possuam até 200 federados e de 600\$00 para os que possuam maior numero.

Resolveu também officiar a todos os organismos pedindo o envio de qualquer trabalho ou alteração a introduzir nas teses aprovadas nas Conferências de Lisboa e Porto. Marcou nova reunião para a próxima semana, em 13, pelas 18 horas.

A luta de classes

Mineiros norte-americanos

NEW-YORK, 10.—O congresso de mineiros reunido em Atlantic City declarou inaceitável a redução de 10 por cento nos salários, proposta pelos proprietários.

No caso de se não chegar rapidamente a um acordo, a greve será declarada no dia 1 de Setembro.

Construtores alemães

BERLIM, 10.—Estão em greve 10.000 homens da construção civil, que pretendem aumento de salário.

Mineiros belgas

BRUXELAS, 9.—O numero de grevistas mineiros e metalúrgicos eleva-se a 45.820.

«A Batalha» vende-se em todas as tabacarias

CONTRA O SOVIETISMO

Levantiem-se a «Entente Internacional»

GENEVA, 10.—A Associação «Entente Internacional» enviou aos diversos governos um memorial demonstrando como a «Terceira Internacional» põe em perigo a segurança interna e externa dos estados, a paz geral, os princípios fundamentais do direito civil e moral e os estados modernos.

No mesmo memorial se diz ser dever de todos os governos chegarem a um acordo para uma acção comum contra a propaganda interna da internacional de Moscou e se pede que comuniquem as respectivas iniciativas à «Entente Internacional» para esta coordenar vários esforços.

e o governo japonês

TOKIO, 10.—O governo dos soviets solicitou do ministério dos estrangeiros permissão para estabelecer um escritório comercial no Japão, gozando dos privilégios diplomáticos.

O governo indeliu o pedido por considerar os commissários comerciais como agentes de propaganda bolchevista, e destinou a soma de 20.000 libras para combater a actividade comunista no Japão.

Moscoitismo do governo

MOSCOW, 10.—O governo dos soviets declara numa nota officiosa que a propaganda desenvolvida pela terceira internacional não é feita sob a direcção do gabinete comunista.

Contra a reacção

Resoluções do N. J. S. de Gaia sobre uma manifestação religiosa

Realizando-se amanhã em Vila Nova de Gaia uma peregrinação ao Monte da Virgem, o Núcleo de Juventude Sindicalista daquela localidade decidiu levantar o seu mais veemente protesto por intermédio da imprensa diária, contra a efectivação de tal manifestação, pois que ela é uma afronta à Liberdade e ao Progresso e convida todos os trabalhadores conscientes e todos os espiritos liberais a comparecerem amanhã, na ponte de D. Luís (taboleiro superior), às 7 horas da manhã, a fim de se oporem à tal manifestação.

Educação física

O sr. Francisco Pinto de Miranda, assistente da Faculdade de Medicina de Lisboa, foi encarregado de estudar em comissão gratuita de serviço publico as alterações introduzidas nas escolas de educação física de Espanha, França e Bélgica, assim como verificar os progressos que esta parte da educação integral tem feito nos últimos tempos em cada um daqueles países, a fim de se introduzirem em Portugal os aperfeiçoamentos julgados convenientes.

Pró-paz...

LONDRES, 10.—O almirantado decidiu constituir mais 4 cruzadores.

TOQUIO, 10.—E' de 250.000.000 de yens o orçamento naval do Japão para o presente ano.

O ano passado atingia apenas 60 milhões.

As perseguições

A sessão pública promovida pela Câmara Sindical, apesar de iniquamente interrompida pela polícia, aprovou uma moção de protesto

A sessão pública que a Câmara Sindical do Trabalho promoveu ontem, esteve largamente concorrida. Às 21 horas, quando Rozendo José Viana abriu a sessão, já o Salão de Festas da Construção Civil se encontrava lotado. Depois do presidente se referir aos objectivos da Câmara Sindical, expostos ao manifesto-conteúdo que distribuiu no público, diz que o operariado não pode ficar silencioso perante as deportações e a permanência de presos há mais de 40 dias em várias esquadras, e sujeitos a rigorosa incomunicabilidade.

O orador, que imediatamente se seguiu foi Vergílio de Sousa, que aconselha o operariado a acompanhar os militantes operários nos seus protestos contra as deportações. Entende que é indispensável um forte movimento que conduza o regresso à metrópole dos deportados.

O sr. Vergílio Marques, em nome da Liga dos Direitos do Homem, disse que este organismo está ao lado do operariado contra todas as reacções. A Liga dos Direitos do Homem, embora conte no seu seio políticos, é pela liberdade, pois defende um ideal bastante elevado. Conclui as suas judiciosas considerações, afirmando que os republicanos que no tempo da propaganda se bateram pela implantação da República, irão realizar em todo o país sessões de protesto contra as deportações e lutar pela liberdade contra as oligarquias que governam a República. Foi muito aplaudido pela assembleia.

Emídio Santana, pelo Nucleo de Juventude Sindicalista, diz que este organismo acompanhará a organização nos seus protestos contra as deportações.

Segue-se João Miranda que diz que se há polícias que tem coração, outros existem capazes de praticarem os piores crimes, como é do domínio público.

Nesta altura a autoridade interveio iniquamente, ordenando o encerramento da sessão. A assistência manifesta-se indignadamente, tendo-se a seguir aprovado a seguinte moção da Câmara Sindical do Trabalho:

«Considerando que, após o movimento revolucionário de 18 de Abril, pelo governo Vitoriano Guimarães foram iniciadas represálias contra as classes trabalhadoras que, pelo seu espírito de liberdade, mais cedo demonstraram para o jugulamento de tal movimento;

Considerando que essas perseguições foram de tal maneira afrontosas que operários honestos foram deportados para as colónias;

Considerando que a polícia ainda não consente com esse facto conserva presos numerosos camaradas sem que a sua situação seja definida;

Considerando ainda que essas prisões se tornam mais iníquas e inquisitoriais pelo facto de se conservarem presos incomunicáveis há mais de 40 dias;

Considerando finalmente que alguns desses presos foram agredidos dentro dos calabouços;

O povo operário de Lisboa, apreciando todos esses factos, resolve:

- 1.º Prestar toda a sua solidariedade aos camaradas presos e deportados;
- 2.º Lutar por todas as formas até à sua completa libertação;
- 3.º Protestar indignadamente contra o facto da manutenção de presos incomunicáveis sem motivo justificado;
- 4.º Solidarizar-se com todos os trabalhos levados à prática pela C. G. T. no sentido de libertação e solidariedade a todos os perseguidos.

A sessão foi a seguir encerrada. Momentos depois apareceu um bando de polícias em atitude provocadora, dando bem a entender o seu desejo de agredir bárbaramente a assistência. Tiveram de retirar, sem ter conseguido pôr em prática os seus bárbaros desígnios.

Perdura a selvajaria

Manuel Simões Miranda e José Abrantes Castanheira que a polícia bárbaramente agrediu ao ponto de lhes produzirem graves ferimentos, do que o próprio Parlamento e a imprensa burguesa se ocuparam, continuam incomunicáveis na mesma esquadra do suplício — a de Santa Marta. Há 40 dias que aqueles infelizes sofrem os rigores da infâmia policial que parece eternizar-se.

Nem os protestos da imprensa, nem a própria atitude do Parlamento obrigaram a polícia a mudar de rumo, a dar destino aos presos. A sua omnipotência é superior à vontade de todos, a todos os direitos, por mais humanos que sejam.

Aqueles dois presos, cujo sangue dos ferimentos não conseguiu horrores a sensibilidade dos parlamentares, ainda não foi dada destino, apesar da polícia vir a público dizer que estão completas as investigações sobre o motivo da detenção dos presos. Porque os conservam ainda na prisão? Porque não saem da esquadra de Santa Marta aqueles dois desgraçados? Será porque os seus ferimentos ainda não estão curados e para não se conhecerem vestígios das selvagens polícias?

Que nos responda o sr. Jorge de Carvalho, o inquiridor dos espancamentos aos presos.

Incomunicável há 30 dias

Na esquadra dos Terranotos há 30 dias que se encontra incomunicável o operário manipulador de pão Manuel Pereira. Por mais que a família reclame não há maneira da polícia normalizar a situação arbitrária do preso. O adjunto da P. S. E. que está a inquirir das agressões aos presos, se se desse ao trabalho de fazer uma visita à esquadra talvez encontrasse a prova da demorada incomunicabilidade. Mas o sr. Jorge de Carvalho não se preocupa com essas piharias...

Não se agredem presos...

Faz hoje 27 dias que a polícia prendeu a gente indivíduo que, como já referimos, se encontra incomunicável na esquadra do Rato.

Segundo nos asseguram o preso está ferido, sendo, certamente, para esperar que ele se cure e encobrir agressões feitas que a polícia ali o retém.

MUTUALISMO E COOPERATIVISMO
Cooperativa do Pessoal do Município de Lisboa — Reúne amanhã a assembleia geral, no pátio do Gerales.

CARTA DE COIMBRA

Um crime de estupro

praticado à sombra das festas de São João e São Pedro

COIMBRA, 8.—Se as festas do povo tivessem aquele carácter que observamos no recente particular do grupo «As Patelas», onde de facto se reúne muita gente em confraternização, com «pie-nic», danças ao ar livre e jogos, tudo rindo e satisfeito dentro de uma harmonia digna de menção — não teríamos de registar nas colunas de A Batalha um caso bastante repugnante e que por força tem de ser tratado como deve, por mais que isso custe à maioria dos jornais deste burgo que têm a servi-las não consciências mas possivelmente homens que da imprensa fazem balcão.

Já não é a primeira vez que os jornais de Coimbra, não dizem todos, mas uma vez uns, outra vez outros, não sabendo se poderão escapar uma para amostra, têm procurado encobrir as responsabilidades de certos delitos.

Não somos dos que pedem prisão para os delinquentes, pois sabemos os filhos desta sociedade mal organizada e defeituosa. Porém defendemos a livre expansão, verdadeira e clara, de casos e abusos a reprimir, apresentando-os nas suas verdadeiras cores e tirando a lãção do remédio.

E a provar a falta do cumprimento jornalístico, a título de amostra, basta que nos referamos àquele caso passado há dias no mercado D. Pedro V, em que um operário foi agredido selvaticamente por soldados da guarda republicana e polícias, e que a imprensa levou para «borborinho» cheio de piada, rindo com o que se passou e tirando assim as responsabilidades do conflito de cima de quem as tinha. Pois se elas incriminavam agentes da «ordem»...

Agora o caso é o seguinte: alguns indivíduos, cujos nomes ainda não conseguimos saber, na faina de percorrer as diversas «fogneiras» foram até aos sítios de Montes Claros, salvo erro, e aí, metendo-se de conversa com algumas raparigas, raptaram duas.

Levadas para longe, de automóvel, segundo nos informaram, elas lá foram vítimas da bestialidade de seis homens-feras, tendo uma das raparigas apenas 14 anos!

Os leitores estão vendo: seis indivíduos, a saciar os seus instintos brutais numa criança, pois outra coisa se não pode chamar a uma rapariga de 14 anos — tendo-a deixado, claro está, em misero estado!

Como é repugnante! Como é infame! Entretanto, a notícia corre célere por toda a cidade — e os jornais do burgo calam!

«Porquê? Ninguém o diz, o certo é que, informaram-nos; alguém se move para tudo abafar pois há homens casados metidos neste nefando crime.

Não somos, repetimos, dos que pedem prisão para os delinquentes. No entanto, para que uma criança de 14 anos não vá parar ao imundo alcoice, alguma coisa tem de se fazer em sua defesa.

Não somos, também, dos que apontem, nestas circunstâncias, o remédio para o mal. Ele não é como muita gente supõe de remédio fácil, segundo nossa concepção da liberdade e do amor, que não podem existir sob as férreas cadeias de regulamentos, nestes casos nulos. Estas aberrações de carácter e sentimentos humanos, com suas consequências, não se resolvem, por muitas vontades que hajam neste sentido, de uma forma rápida, com reparação e de mal eliminado. O doloroso constatá-lo, mas é verdade.

Entretanto, voltando atrás, o que se não pode aceitar é o silêncio da imprensa desta Lusitânia envergonhada por seus filhos que a vendem, neste caso, e que amanhã a comprometer levantando hossanas a uma virtude que não existe. Como também não pode ficar desamparada uma criança mártir e vítima às mãos desta sociedade sem leme e corrompida... C.

Como certo «Magno» lesa os interesses dos trabalhadores

COIMBRA, 9.—Como a cumprir-se os fados, cá estamos novamente de volta com aquele industrial metalúrgico sr. Magno a que há tempos nos referimos a propósito do seu proceder sobre o horário de trabalho.

Dessa vez pretendia que os seus operários produzissem trabalho de 10 horas, pagando-lhes simplesmente trabalho de 8 — o que era um roubo. Agora, como não se satisfiz com os 20%, que um soldador a autogénio lhe dava, por se salvar da sua raiva como officina para o seu canilão, pôs de arranjar uma conta fantástica com muitos números de débito para do operário soldador arrancar mais umas centenas de escudos.

Quer dizer: o operário soldador trabalhava por conta própria — mas servia-se da officina desse sr. que pelo visto nada é de «Magno» recebendo este a percentagem de 20%. E, o tal Magno como só pensa em explorar e se não contentava em receber 20% sem trabalhar começa de exigir mais percentagem. Porém o operário soldador não estava pelos ajustes e, passados dias, saiu por uma insignificante questão.

Entretanto, surge o Magno, e, pretextando um débito de percentagem superior ao que lhe era devido, manda fazer um arresto às ferramentas do dito operário!

Porém o assunto não podia ficar desta forma: estava um operário sem as ferramentas para ganhar o suficiente para se alimentar, e a sua companheira que por acaso está gravemente enferma, e além disso, que nos consta as ferramentas de qualquer operário não podem ser arrestadas pelo facto deste dever qualquer importância.

Sim! pois não se compreende que uma criatura fique sem os utensílios indispensáveis à sua labuta, porquanto sem eles está inibido de trabalhar — e de comer!

Foi o assunto levado para o campo que lhe pertencia — o jurídico, pelo referido operário, tendo-lhe já sido entregues as ferramentas a requerimento do seu advogado, e arrumado o conflito ganhando, como não podia deixar de ser, o operário soldador.

Porém, no entanto, para que fique conhecida de todos a moral deste sr. Magno, que só se apraz, como bom burguês que é, em prejudicar os outros em seu benefício, aqui deixamos estas linhas em A Batalha... C.

Prá-José Filipe

A comissão de amigos de José Filipe, promotora da quete em seu favor recebeu mais as seguintes importâncias: de três membros do grupo do catorze e meio, 20\$00

Trabalhar para morrer...

Mata-se um operário trabalhando para que seus filhos não passem fome

BRAGA, 7.—Acaba de dar-se um doloroso facto nas obras da fábrica de saboaria e perfumaria «Confiança», de Afonso & C.ª

Pelas 9 horas, um operário da construção civil morreu repentinamente de uma doença que há duas semanas o atacara.

Como um forçado, como um escravo, ele desprezara a doença que torturava, e fora trabalhar, arruinar a saúde já combatida, arriscar a vida, conscientemente, friamente, porque três filhinhos de menor idade choravam em casa com fome.

E ele não tinha pão para lhes dar. Por que a casta exploradora não reconhece aos que lhe proporcionam todos os confortos, a abundância, o superfluo, o direito de viver um minuto sequer que não seja para promover o seu bem-estar?

E ele lá foi trabalhar, porque só suando e tresudando, até estoirar, conseguia os meios de livrar-se do suplício de ver os seus entes queridos sofrendo as agruras da fome.

E agora, essas três desgraçadas crianças, porque lhes mataram o pai, terão talvez de viver da esmola que degraça, e não será difícil abrir-se-lhe na frente o caminho do vício e do crime, mercê do desamparo em que os deixou a sociedade, a sociedade que implacavelmente os perseguirá, se como resultado do crime dela se tornarem inúteis ou maus.

INSTRUÇÃO

Aulas de francês no Sindicato dos Operários Alfaiates

Está aberta até ao próximo dia 13 do corrente a inscrição para as aulas de francês, sendo apenas necessário que o candidato a aluno apresente a caderneta confederacional, condição indispensável. A matrícula são 5\$00 e igual quantia por mês. A primeira lição será na próxima segunda-feira.

Escola Preparatória de Rodrigues Sampaio

Começaram no dia 1 do corrente o prazo para entrega dos documentos para os exames de admissão a esta Escola.

O curso compõe-se de quatro anos, e as disciplinas nele professadas são: Desenho, Português, Francês, Inglês, Geografia, História, Ciências Naturais, Física e Química, Escrita Comercial e Trabalhos Manuais, habilitação completa para a admissão aos Institutos Comercial e Industrial e Escola de Telegrafistas, constituindo além disso pela organização dos seus programas, excelente preparação para a vida prática comercial e industrial.

Na Secretaria da Escola, Largo do Pogo Novo n.º 1, prestam-se todos os esclarecimentos aos interessados, das 10 às 16 horas.

A 30\$00 Anéis com diamantes, rubis e safiras
A 40\$00 cruzeiros, rubis e safiras
DIAMANTES, RUBIS E SAFIRAS
OURIVSARIA E JOALHARIA
Manuel Rodrigues Junior
R. dos Vinheiros, 166 — Esq. R. Silva Albuquerque

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

Este Secretariado notifica ao operariado que não tem descurado a situação dos operários presos nos imundos calabouços do governo civil e incomunicáveis em várias esquadras há mais de 40 dias, sem que se saiba ainda os motivos das suas detenções.

Tem-se avistado bastas vezes com os respectivos ministros e entidades policiais sobre este assunto, ficando as mesmas de abreviar as investigações.

Constata este Secretariado a libertação de alguns presos e lamenta que a libertação dos restantes não se faça com a urgência necessária, como o exigem as necessidades que existem nas casas desses operários.

Este Secretariado continua a efectuar démarches pró-libertação dos presos.

Em defesa própria

De Manuel Soares recebemos, com o pedido de publicação, a carta que a seguir reproduzimos:

Camarada redactor — Há já 15 dias que saí no nosso jornal um convite, para que todos aqueles que contra a minha pessoa tivessem algumas provas de que eu tinha baixado ao infame papel de delator as apresentassem na C. G. T. Até à data, porém, ninguém apareceu. Lamentando a falta de escrúpulos com que se levantam calúnias no firme propósito de inutilizar aqueles que a organização têm emprestado todo o seu esforço, continuo esperando que apareçam as provas da minha infâmia. — Saúde e Sindicalismo. — Manuel Soares.

AVENIDA

Agradou muito a peça «Mulher Fatal», três actos da mais requintada literatura. Houve aplausos vibrantes em todos os finais de acto. O desempenho soube valorizá-lo convenientemente, dando Ester Leão uma criação notabilíssima na protagonista.

EDEN THEATRO

Tel. 11. 3830

A deslumbrante e espirituosíssima fantasia

A CIDADE ONDE A GENTE SE ABORRECE

A mais divertida das peças — Permanente gargalhada
O MAIOR APARATO E BRILHANTISMO
Os notabilíssimos bailarinos acrobatas GYNETTE & ADELPHI
Exito completo sob todos os pontos de vista
Peça para todos os gostos e que a todos agrada

Tudo o operário tem o dever de possuir este livro

A EDUCAÇÃO MORAL DA CRIANÇA NA FAMÍLIA

Por Benoit Bouche — Tradução de Emílio Costa — Livro premiado em concurso na Bélgica, pela sua importância social. — Um verdadeiro Manual de Educação, que todos os pais, tutores, professores e novos devem possuir para saberem conduzir a educação das crianças. — Preço 5\$00, pelo cor. 5\$50. A venda nas livrarias. Pedidos à livraria Renascença, de J. Cardoso, r. Poiais de S. Bento, 27-29 — Lisboa

CARTA DO PORTO

A Real Companhia Vinícola do Norte de Portugal

Continua na berlinda...

PORTO, 9.—Chegou ao nosso conhecimento que o capitão Sequeira pedira a sua demissão de «régulo» da Real Companhia Vinícola do Norte de Portugal. Motivos: a sua dedicada esposa, fortemente impressionada pelos ataques de que está sendo alvo, haver adoecido e, quicá, ter-lhe pedido que desistisse da questão e deixasse, portanto, de contrariar a razão de 422 criaturas.

De um modo absoluto, não podemos garantir a veracidade... positiva dos informes, conquanto saibamos de certeza que eles estão sendo vivamente comentados por todo o pessoal, vítima da Real Companhia Vinícola.

Desses comentários interessantíssimos, são dignos de registro os seguintes: «Temos pena de que a senhora do sr. capitão Sequeira, que nada tem com estes acontecimentos, se chocasse ao ponto de adoecer. Mas felizmente, ainda tem possibilidades de se recolher ao leito e de se tratar convenientemente das emoções recebidas.

«Mas aquelas famílias desgraçadas que sofrem o grande desgosto de ver os seus chefes perseguidos e despedidos, muitas vezes injustamente, arrastando com a injusta a miséria, a fome das suas mulheres e dos seus filhos — quando não a fome dos seus irmãos e da sua mãe? Que dizer das famílias operárias que, sendo duramente tratadas no trabalho, não têm muito tempo de curar os seus abalos morais, porque os seus abalos materiais as obrigam a levantar cedo e a ir grangear, num rude labor, o pão nosso de cada dia?

Quanto a nós, se é definitiva a resolução de abandonar a ditadura suplenete da Real Companhia Vinícola, não podemos deixar de felicitar o capitão sr. Sequeira pela sua nobre atitude: fica melhor com a sua consciência, porque ninguém o coíje a «emburrar» com o pessoal da Vinícola, e fica também livre das bocas do mundo... «revolucionário».

Ao mesmo tempo que se referiam ao facto do capitão sr. Sequeira ter desaparecido de cena, há dois dias, não comparecendo à frente do «comando» da praça forte da «pestância» Companhia — dizia-se também: «Lá foi o Abilinho!» Ai, o Abilinho...

O Abilinho, que tóra metido na Companhia pelo tal Francisco Pinto Moreira, no domingo comerá, na Real Vinícola, uma bacalhoadinha «com todos». Ninguém tinha nada com isso, se ele não resolvesse, naquele dia, exercer com um republicano mantenedor da ordem, as funções de mulher, ou melhor: as funções de um «habitante» da nova Sodoma...

O caso causou escândalo e o Abilinho, cremos que já conhecido como tal, foi expulso... «Pouca vergonha» — concluíam os operários que comentavam a «cantiga»...

Os gerentes da Companhia, na sua mania de disciplina quartelária, há muitíssimo tempo que deliberaram fazer do pessoal uma corporação de bombeiros.

Assim, ele era obrigado, não só aos respectivos exercícios, mas também, aos domingos, conforme a escala, ir fazer turnos das 8 às 17, mediante a remuneração de um oito mil e quinhentos reis. E aí daquele que se recusasse: era despedida da casa! Pois a propósito da corporação dos bombeiros «voluntários»... obrigatórios da Real Companhia Vinícola, mandaram fazer uns varandins de cimento armado, que podem não servir para nada, mas tiveram a vantagem de fazer gastar uns bons pixados cobres. Ou na Companhia não houvesse muita economia... para os desgraçados que trabalham...

Esquecia-nos dizer que, segundo nos chamam ao ouvido, o Monteiro, uma espécie de «capataz» dos carreiros, era também uma espécie de chefe dos tais bombeiros. Igualmente nos «assobiam» que o mesmo Monteiro, qualquer coisa de accionista da Companhia, costuma ter a generosidade de emprestar algum capital para desenrascamentos de certos pagamentos vinícolas...

Além do exposto, apenas podemos acrescentar isto: que ontem vimos, de tarde, carroças particulares transportarem, dos armazéns de Vila Nova para a sede da rua de Entreparedes, caixotes com garrafas cheias de líquido... e guardadas por cavalaria e por peões da guarda republicana na boieira, convenientemente armados com as Mauser...

De resio, tout la même chose... até ver...

ACABA DE SAIR O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária

Por Rodolfo Rocker. Fugoso escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor. Preço 1\$00.

Pedidos à administração de A Batalha.

A revolução Social e o Sindicalismo

Por Arkínof. Preço \$50.

A cura das doenças pelas Plantas

3.ª edição — Preço 2\$00, pelo cor. 2\$50. Pedidos à administração de A Batalha.

Empresa Conceição Silva, lim.

Direcção artística de HENRIQUE SMITH

HOJE — às 21,30 (9 h 12 da noite)

EDEN THEATRO

Tel. 11. 3830

A deslumbrante e espirituosíssima fantasia

A CIDADE ONDE A GENTE SE ABORRECE

A mais divertida das peças — Permanente gargalhada
O MAIOR APARATO E BRILHANTISMO
Os notabilíssimos bailarinos acrobatas GYNETTE & ADELPHI
Exito completo sob todos os pontos de vista
Peça para todos os gostos e que a todos agrada

Tudo o operário tem o dever de possuir este livro

A EDUCAÇÃO MORAL DA CRIANÇA NA FAMÍLIA

Por Benoit Bouche — Tradução de Emílio Costa — Livro premiado em concurso na Bélgica, pela sua importância social. — Um verdadeiro Manual de Educação, que todos os pais, tutores, professores e novos devem possuir para saberem conduzir a educação das crianças. — Preço 5\$00, pelo cor. 5\$50. A venda nas livrarias. Pedidos à livraria Renascença, de J. Cardoso, r. Poiais de S. Bento, 27-29 — Lisboa

Sessão de homenagem a um militante operário

E' amanhã que se realiza na sede do Sindicato Metalúrgico a sessão de homenagem póstuma ao desditoso camarada Joaquim da Silva, falecido em Março do corrente.

A todos os organismos que por lapso não tivessem sido convidados se encontra por este meio a fazerem-se representar na dita sessão, que por motivo dos últimos acontecimentos políticos não foi possível realizar na data primeiramente fixada.

Passeio de confraternização

Reina grande entusiasmo entre o operariado de Linda-a-Pastora, Linda-a-Velha e Carnaxide pelo passeio de confraternização que os seus camaradas de Lisboa realizam em breve aquelas localidades. A comissão continua activamente trabalhando na confecção do programa que promete ser atraente.

No próximo domingo alguns elementos da comissão avistar-se-ão com a direcção da Associação da Construção Civil de Linda-a-Pastora para assuntos que dizem respeito ao passeio.

Edições SPARTACUS

O Amor e a Vida (contos), por Campos Lima. Preço 5\$00.

A Crise Económica, seus aspectos essenciais, pelo engenheiro João Perpétuo da Cruz. Preço 2\$50.

Três aspectos da Revolução Russa, por Emile Vandervelde. Preço 5\$00.

A Revolução em Portugal, comunista? socialista? libertária? sindicalista? — Coligação das esquerdas — A transformação da República, por Campos Lima. Preço 6\$00.

A venda em todas as livrarias e na administração de A Batalha. — (Desconto aos revendedores).

Um «pie-nic»

Promovida pela Sociedade Filarmónica Esperança e Harmonia realiza-se amanhã um «pie-nic» à quinta de Santo António (a Cazelas). Foram já fornecidas aos socios grande numero de senhas que lhes darão ingresso e a suas famílias no recinto. A partida dos excursionistas realiza-se às 8 horas e o regresso às 20 horas.

Prevenção

A Federação Portuguesa dos Operários da Indústria de Conservas previne os operários desta indústria de que existe, em Setúbal e Portimão, grande numero de soldados e trabalhadores desempregados. Por isso lembra a conveniência de não haver deslocação de operários para outras localidades, sem previamente se informarem com a Federação.

ESPERANTO

Cursos por correspondência

Começaram no dia 1 do corrente a ser ministrados cursos de esperanto por correspondência, por intermédio de Dias Pinheiro, da Rua do Souto, 17, 2.º, Porto, a quem deve pedir esclarecimentos quem o desejar.

Passeio fluvial

É no dia 16 de Agosto, que a Associação Concentração Musical, 24 de Agosto, realiza um passeio fluvial a São Julião da Barra, Trafaria, Vala do Carregado e Alhandra.

Universidade de Coimbra

O estudo da patologia

Foi assinado um decreto fazendo o desdobramento do Instituto de Anatomia Patológica da Faculdade de Medicina de Coimbra no Instituto de Anatomia Patológica e Instituto de Patologia Geral.

TIVOLI

TEL. N. 3471

A sala de espectáculos mais confortável e arejada de Lisboa

AS 8 3/4

Viva El-Rei

Superprodução em oito partes

COM JACKIE COOGAN

(o miúdo de Charlie)

Uma cine-comédia em cinco partes

UMA PANORAMICA

Uma revista de actualidades

Amanhã — MATINÉE às 3 horas

TEATRO MULHER FATAL

HOJE

A admirável peça DE BIRABEAU

Tradução de ESCULÁPIO António

Pinheiro

INTERESSES DE CLASSE

Funcionalismo Público

A pesar das promessas conquistadas a miséria continua a sentir-se

Segundo noticiam os jornais, o actual presidente do Ministério ao receber uma comissão de funcionários que com ele se avistava, a propósito do já agora célebre aumento de vencimentos, fez-lhe saber que encontrava toda a justiça nas reclamações e que tudo faria na intenção de atender quanto lhe fosse possível, pois que, se por um lado o governo tinha de atender à difícil situação do funcionalismo, por outro tinha que ter em conta o estado do tesouro. Não dizem os jornais, nem isso se torna necessário, qual a atitude da comissão ao colher tal promessa. No entanto, ante uma tal bela esperança provável é que apenas um sorriso lhe aflorasse nos lábios. Poucos, muito poucos mesmo têm sido os políticos que ao passarem pelo corredor do poder tenham tido a coragem de negar a justiça que assiste ao funcionalismo; mas também, poucos, muito poucos mesmo têm tido a seriedade suficiente para as atender.

As promessas ou esperanças que os serventários do Estado possam obter quando, em simples digressão reclamatoria, se dispõem a subir as escadarias do Terceiro do Paço de forma alguma já podem servir para minorar a miséria que os rodeia ou diminuir a desconfiança que as criaturas que lhes dão, lhe inspiram.

Agora, mais do que nunca, essa desconfiança se afirma, pois que todos muito bem sabem, até mesmo os seus próprios correligionários, que ninguém mais do que o actual presidente do ministério se tem esquecido do funcionalismo e maltratado as classes produtoras.

Muitas e variadas têm sido as vezes que o sr. António Maria da Silva, fértil sempre em promessas, tão fértil que para se aguentar no poder, segundo corre, vai até ao ponto de ceder aos partidos o número exacto de deputados que cada um deseja, tem dado as melhores esperanças ao funcionalismo, mas também não poucas têm sido as vezes que ele o tem caustificado e esquecido.

O que o funcionalismo necessita, ainda que para tanto tenha de se armar com a penúria do tesouro, é ver aumentados os seus vencimentos por uma forma democrática e decisiva, como já se fez nos Correios e telegrafos e congresso da República, bem diferente das restantes, isto é, adoptando o princípio de ordenado mínimo, para que se não venha a cair no velho sistema de conceder elevadas subvenções a quem já auferia elevados vencimentos, e para que se não deixe em nós a dúvida sobre a sinceridade de certas reclamações.

Os aumentos como ultimamente têm sido feitos apenas se podem tomar à conta de provocação, pois que enquanto os humildes se ficam a debater com a miséria que já os rodeava, os grandes, aqueles que já viviam desafogadamente, ficam a viver principescamente.

Provável é que alguns dos «ilustres» funcionários com entrada pela janela, a quem a política tem servido de magnífica escada «magnum», para por ela se guindarem a situações que nem a sua inteligência nem as suas habilidades justificam, em algum dos bolses de dinheiro, em vez de serem distribuídos à miséria de cada um, são dados ao lugar que cada qual ocupa, o que dá em resultado de que, enquanto os pequenos se debatem com a fome, os grandes viverem à grande e falarem como uns «lords».

O aumento que o funcionalismo reclama e a que tem incontestável direito, terá que ser distribuído consoante as necessidades de cada um, de mais com a presença nas cadeiras do poder dum governo conservador, ele será o primeiro a reconhecer que os pobres, aqueles que menos têm, se alguma coisa necessitam conservar, essa coisa é a de todas a mais sagrada: o Direito de Viver, pois esse é o mais forte e o mais importante de todos.

Paulo Emilio.

De Angola

Foi determinado que a povoação de Abdu, em Benguela, passe a denominar-se Vouga.

Turismo

Os exames de guias-interpretes, interpretes, guias e correctores de hotéis, que tinham ficado transferidos realiam-se, na Repartição de Turismo, na terça-feira próxima, pelas 14 horas.

O PARAÍSO BURGUEZ

Na Figueira da Foz um homem morre sem assistência médica e é levado até ao cemitério numa pequena carroça!

Raras são as vezes que, saindo fora da terra onde habitamos, não tenhamos de tomar nota de qualquer caso que em A Batalha tenha de ser analisado para que em toda a parte se saiba da existência dum jornal que aos oprimidos, aos pobres, aos párias defende.

Combe agora a vez à Figueira da Foz, localidade onde fomos em propaganda sindical. Um pobre coelho, um daqueles obscuros trabalhadores que pelo sol ardente do dia ou pela chuva tempestuosa e árida de uma noite de inverno fazem transportar em galego o carro que conduz o médico para a salvação dum doente, porque o «paraíso burguez» lhe proporcionava uma vida de miséria, onde a sua cama era um fardo de palha da cavalariça ou as táboas rijas da mangedoura, cheio de fome, tuberculizado, o sangue em gotas negras a sair, a boca num rictus doloroso, morreu — entre os braços dum seu camarada e ante o olhar talvez indiferente dum guarda-policial chamado em auxílio.

Ninguém mais aparece para naquele transe doloroso servir de lenitivo aos que uma vida estavam deixando fugir, sem poder valer esse farrapo humano que a pouco e pouco se tornava inerte.

Um médico, um salvador, esse só mais tarde apareceu — para confirmar o óbito! Então, à falta de maca ou ambulância de pronto socorro, o infeliz é colocado sobre uma pequena carroça de madeira e transportado ao hospital da Misericórdia onde o não quiseram receber — sendo posto à porta do cemitério onde esperou algumas horas que esta se abrisse, pois eram altas horas da noite, dentro da carroça, o polícia a guardar!

Oh! como toda esta sociedade é nojenta! Mas, julgam os leitores que parou por aqui este caso de horror, miséria e nojeira infame deste «paraíso» que um Trindade Coelho defende?

Não! não parou. Faltava-lhe um complemento — e esse vai aparecer, na exploração levada a cabo pelos «edís» da Câmara Municipal da Figueira, que a título de depósito e desinfectante do cadáver meteram a unha, porque uma entidade apareceu a tratar do enterro, o Sindicato dos Cocheiros de Coimbra de que o morto era sócio!

Sim! era necessário, para que a sociedade que tuberculizou e matou impune um homem, marcasse bem as suas virtudes, que o quadro aparecesse completo: explorar com um homem que morreu simplesmente na miséria mais horrível. Coimbra, julho, 1925.

A. F.

«A BATALHA» No Funchal vende-se na Presse.

Queixas e reclamações

Esquecidos pelas prisões

Da cadeia civil de Serpa, escrevem-nos os presos António Mesquita, António Mateus, António Ventura e António Janeiro queixando-se de que se encontram ali à sete meses por pequenos delitos que não justificam semelhante severidade. Os referidos presos, segundo nos dizem na sua carta, dormem em cima do ladrilho, não tendo mantas nem camas.

Pedem-nos para, por intermédio deste jornal, reclamarem junto do ministro da Justiça as necessárias providências.

Espandido e preso

O operário Denis Nunes da Conceição Cactano, segundo nos referiu, no passado domingo encontrava-se na companhia de vários amigos no adro da igreja de Benfica. De súbito, sem a menor explicação, um indivíduo que mais tarde soube ser o agente Reis e Sousa vibrou-lhe algumas bengaladas, dando-lhe em seguida voz de prisão.

Como o Denis necessitasse de tratamento em consequência dos ferimentos recebidos, foi curar-se ao hospital de Santa Marta voltando em seguida para a esquadra de Benfica onde, na altura em que o ferido chegou, se encontrava o referido agente fazendo a respectiva participação.

Na segunda-feira o Denis foi conduzido para o governo civil, respondendo anteriormente ao tribunal do Pequenos Delitos arguido de ofensas à moral pública.

Por esse motivo foi condenado na multa de 140\$000 que satisfaz para sair em liberdade.

'A Batalha' na provincia e arredores

Marinha Grande

O povo, em sessão pública, reclama a saída da G. N. R. do concelho

MARINHA GRANDE, 8.—Desde há tempos que uma onda desastrosa vem nascendo contra a guarda republicana. Vários desmandos, agressões, deram azo a que uma sindicância fosse feita ao comandante do posto. Depois de nada se averiguar, a coisa amainou, mas eis que ontem, esta terra foi surpreendida pela chegada de vários viçentes, que vinham protestar contra a má conduta da guarda, naquela vila.

Houve uma sessão no Centro Democrático, na qual protestaram várias individualidades, reclamando em altos vivas a saída da guarda do concelho.

Como temos o rótulo de legionários abstermo-nos de interrogar alguns dos mais exaltados, não deixando, no entanto, de brevemente relatar o que averiguarmos de verdade sobre tal.

Consta-nos que a guarda espasmo em Vieira de Leiria algumas crianças: O que de fonte segura podemos dizer aos leitores, é que o povo viçense não quer a guarda republicana.

Devemos dizer, de passagem, que no aglomerado de gente que estava junto do Centro, alguns afirmam terem visto, feito o mesmo às crianças da Marinha Grande.

Fazem exercícios nas crianças para evarem a brutalidade nos adultos!—C.

Mina de S. Domingos

Está na forja uma nova torpeza

MINA DE SÃO DOMINGOS, 7.—Segundo corre e com certa insistência alguém, na fúria de arranjar alojamentos para as praças da G. N. R., pretende deixar sem abrigo famílias inteiras, velhos operários das minas. A suceder tal barbaridade aquelas desgraçadas teriam que arrastar os seus corpos pelas imundas ruas, como cães sem dono.

Como tudo é possível nesta maldada terra, só nos resta assistir a esse espectáculo.—C.

Fanhões

Uma «costureira» que se transforma em insecto

FANHÕES, 9.—A célebre «costureira», alma penada, que anda por esse país fora a coser à máquina, aparece há dias em casa de um operário.

A mulher dele chamou a visitação para verificar o fenómeno, e, coisa curiosa, quem melhor o viu foi uma criatura quasi surda.

De pesquisa em pesquisa, chegou-se a descobrir a tal «costureira», sob a forma de um insecto daqueles que roem a madeira, produzindo um ruído muito semelhante ao trabalhar dum máquina de costura, do perfurar dum broca, ou de qualquer outra coisa que venha à imaginação de quem tal ruído ouve, sem lhe conhecer a causa.

E a propósito deste fenómeno tão simples, quanta especulação, quanta patinela inventada pelos que têm interesse na ignorância do povo!—C.

Sociedades de recreio

Ajuda-Club.—Realiza-se hoje neste clube mais uma festa organizada por Luciano Marques, havendo um serão de Arte em que toma parte a orquestra «1.º de Dezembro» sob a regência do maestro Alvaro João Duarte, seguindo-se canções e duetos por D. Laura Carvalho, Luciano Marques e actor Artur Silva, do Trindade. A orquestra só executará originais do seu maestro e abrandará o baile que durará até manhã.

Também devem tomar parte os amadores do Grupo Dramático «Solidariedade Operária», Daniel Silva e Afonso Mota.

Grupo Dramático do P. M. do Ministério dos Estrangeiros.—Inaugura hoje, as 21 horas, a sua sede, numa dependência do Palácio das Necessidades, com a representação das comédias em 1 acto, «Guerra aos Nomes» e «Atribuições dum funcionário» e um acto de variedades, seguindo-se baile. A manhã, às 21,30 horas, a comédia, em 3 actos, «Os sobrinhos do papa».

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 10 desta revista intitulada «Jubilos», de Adria del Valle.

—Preço, \$50.—Pedidos à administração de A Batalha.

MARCO POSTAL

Lisboa.—Grupo de Educação Social de Palma.—Fizemos a vossa inscrição entre os assinantes do Suplemento e da Renovação. Agradecemos as cartas enviadas.

Agenda de A BATALHA

CALENDARIO DE JULHO

S.	D.	T.	Q.	Q.	S.	HOJE O SOL
1	2	3	4	5	6	Aparece às 5,20
7	8	9	10	11	12	Desaparece às 20,03
13	14	15	16	17	18	
19	20	21	22	23	24	
25	26	27	28	29	30	
31						

MARES DE HOJE
Praiamar às 5,57 e às 6,23
Baixamar às 11,27 e às 11,53

ESPECTACULOS

TEATROS

Nacional.—A's 21,30.—Tio de milhama.
Fimela.—A's 21,30.—Apaloxadav.
Ipola.—A's 21,30.—A Severa (opéra).
Trindade.—A's 21,30.—«Diosa Patria».
Eden.—A's 21,30.—«A cidade onde a gente se aborrece».

Maria Vitória.—A's 20,30 e 21,30.—«Retaplan».
Júlio.—A's 21,30.—«Irmãos e a Glória».
Politeama e Olympia.—A's 21,30 e 20,30.—(Animação).
Sala 50.—A's 20,30.—Variedades.
Vicente (a Grupa).—A's 20.—Animatógrafo.
Teatro Pique.—Todas as noites—Concursos e lições.

CINEMAS
Olympia.—Chado Tasso—Sala Central—Cinema
Condes—Sala Ideal—Sala Lisboa—Sociedade Pro
motora
Educação Popular—Cine Paris—Cine Es
perança—Chantelet—Tivoli—Tortoise.

Pedras para isqueiros

aos quilos, aos milhares e nos centos.
Tubos, rodas, pipes, fundas e mais de aço,
tudo que é preciso para fazer isqueiros.
Venda em grandes quantidades aos melhores
preços para revenda.

A melhor pedra para isqueiros

(Qualidade garantida)
DÚZIA \$50

Pedidos a CARLOS A. SANTOS
Rua do Arsenal, n.º 81—Lisboa

LIMAS NACIONAIS

Se a grande falta de produção tem
dado lugar a que
ainda hoje se con
sumam em Portu
gal limas estran
geiras, visto que
as limas nacio
nais da En
presa de Limas
são de primeira
qualidade e em
grande quantidade
Experimentem, pois, as nossas limas que a
encontram à venda em todos os bons estabele
cimentos de ferragens do país.

LOTARIAS

PARA REVERDER

Fornece aos mais baixos preços

Afonso Pereira de Carvalho

Rua do Mundo, 115—LISBOA

Cooperativa do Pessoal do Município

de Lisboa

Assembleia geral

Reúne amanhã, pelas 14 horas, no pátio
do Gerales para apreciar uma reclamação,
resolver sobre o pedido de demissão da
directão e escolher a melhor forma de ge
gência a adoptar para o resto do ano.

Por ser em segunda convocação reúne
com qualquer número.

O vice presidente da mesa,
(a) Vítor Manuel Guerreiro

Policlínica da Rua do Ouro

Entrada: Rua do Carmo, 93

Telefone N. 5353

Medicina, coração e pulmões—Dr. Armando
Narciso—A's 4 horas.
Cirurgia, operações—Dr. Bernardo Vilas—
4 horas.

Fins, vias urinárias—Dr. Miguel Magalhães—
10 horas.
Fie e sífilis—Dr. Correia Figueiredo—11 s
as 4 horas.

Doenças nervosas, electoterapia—Dr. R.
Lafont—4 horas.
Doenças dos olhos—Dr. Mário de Matos—
2 horas.

Garganta, nariz e ouvidos—Dr. Mário Oli
veira—4 horas.
Estômago e intestinos—Dr. Mendes Belo—
3 horas.
Doenças das senhoras—Dr. Emilio Paiva—
2 horas.

Tratamento de diabetes—Dr. Ernesto Roma
—5 horas.
Echi e dentes—Dr. Armando Lima—13 h.
Cancro e rádio—Dr. Cabral de Melo—4
horas.

Raul X.—Dr. José de Pádua—4 horas.
Análises—Dr. Gabriel Bento—4 horas.

ANUNCIO

A requerimento de Dona Maria José da Mata Vi
zeu Pinheiro, residente na rua do Arco do Cego,
39, n.º 1, desta cidade de Lisboa, foi intentada contra
seu marido Antonio Loureiro Vizeu Pinheiro, morador
na mesma morada, uma acção especial de inter
dição por prodigalidade deste, cuja acção foi distri
buída e corre seus termos pelo cartório do escrivão
abaixo indicado.

Lisboa, 8 de julho de 1925.
O escrivão do 4.º officio, Manuel Barreiros Guilh.
O Verificador.—O juiz de direito da 4.ª vara civil, A.
J. Guerra.

LEILÃO DE PENHORES

R. A. M. Alegrete, 30

Definitivamente a 20 do que esteja em
atrazo.

DR. ARMANDO NARCISO

Médico do Hospital de Santa Maria

CLINICA MEDICA

Consultório: Travessa Nova de S. Domingos,
9 (a Rua do Amparo)

Residência: Rua Nogueira e Sousa, 17 ao Lu
ciano Cordeiro

PEDRAS PARA ISQUEIROS

Metal Auer, assim como rodas de aço,
tubos, rodas, pipes, fundas e mais de aço,
tudo que é preciso para fazer isqueiros.
Venda em grandes quantidades aos melhores
preços para revenda.

Experimentem, pois, as nossas limas que a
encontram à venda em todos os bons estabele
cimentos de ferragens do país.

Conhececi o vosso país

TODOS DEVEM possuir o magnifico «Mapa de
Portugal e Gué de Rotomond», o mais completo
em cidades, vilas, aldeias, rios, montes, etc. Preço
Esc. 2500, pelo correio Esc. 2520. Pedidos a Li
vros Popular de Francisco Franco—36, T. S. Do
mingos, 34.

Pedras para isqueiros

Metal Auer, assim como rodas de aço,
tubos, rodas, pipes, fundas e mais de aço,
tudo que é preciso para fazer isqueiros.
Venda em grandes quantidades aos melhores
preços para revenda.

Experimentem, pois, as nossas limas que a
encontram à venda em todos os bons estabele
cimentos de ferragens do país.

Encadernadora

Costureira oferece-se para trabalhar em
casa. Rua São Boaventura, 53, 1.º

CLINICA DO CHIADO

RUA GARRETT, 74, 1.º

TELEFONE C. 4186

Doenças venéreas

Para as classes pobres. Das 12 às 14 h.

Serviço de livreria de A BATALHA

FOLHETOS

EM ESPANHOL

Rodolfo Roher

Artistas y Rebeldes..... 1300

Boishevismo y anarquismo..... 1350

—La Crisis del anarquismo..... 1350

Jose Torralvo—La Revolucion..... 1350

Leio O. Zeno—Problemas universi
tarios..... 2500

La Revista Blanca—Arte, Ciencia e
Literatura. Cada numero..... 2500

PÓ RODRIGUES

O melhor INSECTICIDA para a destruição de pulgas, percevejos, baratas, formigas, etc.

A VENDA em todas as Droguarias, Mercarias e lojas de Ferragens

UNICOS DEPOSITARIOS EM PORTUGAL: SALVADOR BARATA, L.ª—19-A, Rua das Galvotas, 19-C—LISBOA

FABRICANTES DOS ALVAISES MARCA «GAIVOTA»

Agentes no Porto—Sociedade de Produtos Químicos, L.ª.—Rua 31 de Janeiro, 171, 1.º.

nas Ilhas JOÃO GOMES—FUNCHAL.

chapéu desabado de feltro já velho e que vestia um
surcote preto não menos remendado que os calções, e
tão eslapado como não se tinha visto estudante al
guém na universidade de Paris. Guilherme, longo tempo
detido pela timidez rústica, não se tinha atrevido a di
griar a palavra a Rufino Quebra Tudo; e, entretanto,
algumas falas proferidas em redor dele na multidão e
pelo próprio estudante aumentavam, por muitos moti
vos, a curiosidade do aldeão.

—Pobre Perrin Macé, dizia um parisiense, corta
rem-lhe o pulso e ainda em cima ter sido enforcado
sem julgamento e só pelo belo praser do regente e dos
seus cortesãos!

—E' assim que a corte respeita a celebre ordena
ção do nosso amigo Marcel!

—Oh! a nobresa... é a peste e a ruína do país!

—Os nobres! exclamou Rufino Quebra Tudo, são
os cavalos de parada enxairelados, emplumados, bons
para ostentar; mas que não carregam nem puxam, e
se se trata de lhes dar uma arrancada, fogem e recuam
cobardemente!

—Entretanto, senhor estudante, aventurou-se a di
zer um homem gordo de chapéu debruado, a nobre
cavalariá é digna de todos os respetos de nós os bur
gueses.

—A cavalaria, exclamou Rufino, soltando uma gar
galhada de desprezo, a cavalaria não serve senão para
andar de roda do circo nos torneios com o sentido no
prémio, visto que as armas e o cavalo do vencido per
tencem ao vencedor! Por Jupiter! os tais valentes bri
gam para derrubar os adversários, do mesmo modo
que nós procuramos derrubar o pau para ganhar o
monte quando jogamos à malha no nosso Vale dos Es
tudentes; mas se se trata de arriscar a pele na guerra
sem mais ganho do que glórias, a nobresa foge ver
gonhosamente como fugiu ultimamente na batalha de
Poitiers, dando exemplo de cobardia derrota a um exér
cito de quarenta mil homens que voltaram costas a
oito mil archeiros ingleses! Pela barriga do papa! e

chamam a isto homens! e eu digo que são lebres! e

lebras da mais covarde espécie!

—Vamos, senhor estudante, replicou, rindo, outro
cidadão, não maldigamos da nobresa. Não nos des
embaracemos ela, porventura, do rei João, deixando-o
prisioneiro dos ingleses?

—Sim, disse uma voz, mas ser-nos há mister pa
gar o resgate real, entretanto seremos governados pelo
regente, um rapazinho de vinte anos apenas, que manda
enforcar o povo quando, como aquele pobre Perrin
Macé, ele reclama o dinheiro que lhe deve o tesouro
real.

—Graças a Deus que o amigo Marcel, bem de
pressa porá em ordem tudo isto... Esperemos... es
peremos!

—Oh! Marcel... é a providência de Paris!

—Vocês, realmente, não têm outra coisa na boca
senão o nome de Marcel, replicou o homem do chapéu
debruado, com um azevedo dissimulado; porque Mar
cel é preboste dos comerciantes e presidente dos ve
readores, não se segue que seja o «João faz tudo» e
os outros vereadores são tão honestos como ele, e sem
irmos mais longe, o senhor João Maillart...

—Quem se atreve a dizer, que alguém possa ser
comparado ao grande Marcel? exclamou Rufino Que
bra Tudo. Por Jupiter! quem disse essa asneira fala
como um idiota!

—Hum! Hum! replicou, a resmungar, o homem
do chapéu debruado, eu é que digo isso.

—Ah! então é você que fala como um idiota! Re
plicou Rufino Quebra Tudo. Que diz! pois atreve-se,
porventura, a sustentar que Marcel não é o primeiro
dos cidadãos, o amigo, o pai do povo!

—Sim, sim, respondeu a multidão; Marcel é o
nosso salvador; se não fosse ele Paris estava tomada
e devastada pelos ingleses.

—Marcel, replicou Rufino Quebra Tudo com cres
cido entusiasmo, ele restabeleceu a economia das fi
nanças, a ordem e a segurança da cidade. Pela barriga
do papa! se alguma coisa a esse respeito! E quer ou

vir um exemplo? Há quinze dias, perto da meia noite

que eu estava fazendo barulho em companhia do meu
amigo Nicolau Pera Mole, à porta duma honesta casa

da rua das Rameiras; Jeanette a Bocacharda, recusou
receber-nos, pretendendo que Margote e Andrucho não

estavam em casa. A esta resposta eu e o meu amigo
Pera Mole estivemos a ponto de arrombar a porta; mas

NA NORUEGA

As lutas operárias nos últimos anos

Os tribunais de arbitragem e a natureza das intervenções foram reconhecidos como nocivos à classe operária

Desde 1907 a 1913 dirigiu a organização sindical da Noruega (reformista) uma série de greves nas diversas indústrias. Essas greves estalaram, depois de se terem feito negociações, meses e meses, e terminaram depois de três ou quatro meses com um mísero compromisso ou com uma simples derrota dos trabalhadores. Foram lutas com caráter tipicamente reformista, nas quais em geral intervinham operários numa indústria como amarelos organizados contra os da outra indústria.

Estas condições fizeram com que os operários, por uma parte, dessem novos métodos de luta, e por outra, o governo liberal burguês se preparasse para intervir oficialmente nas dissidências entre capitalistas e proletários. A lei anteriormente introduzida na Austrália sobre a reconciliação e os Tribunais de Arbitragem foi o objetivo anelado pelo governo norueguês. Os trabalhadores não queriam saber, está claro, de semelhante intervenção por parte do Estado e os chefes tiveram que se conformar e desinteressar-se por sua parte numa tal lei. Quando o projeto foi apresentado à discussão (parlamento), a organização sindical nacional ameaçou com a greve. Em face dessa ameaça o governo capitulou, adiando indefinidamente o exame do projeto. Quando se apresentou de novo o projeto, estava melhor prevenido. Certamente a organização central proclamou a greve geral contra a aprovação dessa lei, mas depois de alguns dias a greve decaiu, e inclinou-se perante a lei. Desde então seguiu-se a idade de ouro para os chefes sindicais.

Puderam amontoar dinheiro nas suas caixas corporativas, e além disso recebiam pessoalmente bons honorários extraordinários, como intermediários. A pouco e pouco os homens da oposição ocuparam os lugares de dirigentes nas várias associações sindicais, e tudo parecia marchar à mil maravilhas. A luta das organizações operárias foi mudada das oficinas e dos lugares de trabalho para os escritórios dos intermediários, e o interesse dos trabalhadores pelos trabalhos práticos dos sindicatos tornou-se cada vez mais insignificante.

A lei das "combinações estatais" devia substituir durante o período de crise. No primeiro debate no *Storting* só votou o partido da esquerda a favor da lei. Os partidos da direita e a social-democracia votaram contra, o que lhes foi muito fácil, pois estavam em minoria. Depois das eleições do *Storting* o partido da esquerda obteve 28 lugares. A coisa estava perdida para o partido da esquerda, se os representantes do proletariado e os dos capitalistas tivessem persistido no mesmo ponto de vista anterior.

No entanto, quando se apresentou à discussão o problema da prolongação em 1921 produziu-se alguma coisa de extraordinário entre os comunistas: tinham mudado totalmente de atitude, e votaram pela prolongação da lei sobre a intervenção estatal conciliatória com efeito jurídico obrigatório para o proletariado. Assim dirigiram os comunistas a luta contra a classe operária, e cooperaram na submissão das organizações sindicais ao Estado.

Na época de melhoramento económico os trabalhadores obtiveram alguns aumentos de salário mediante essa lei, e deixaram as coisas em paz. Finalmente acostumaram-se a que o Estado intervisse directamente na regulação dos seus problemas económicos.

A desgraça, porém, quis que os tribunais de arbitragem e a natureza das intervenções depois de terem sido reconhecidos pelos comunistas, se tornassem nocivos para a classe operária.

Começou então o descontentamento entre os trabalhadores contra o tribunal. Tornou-se claro para estes, que deviam actuar com as suas próprias forças se queriam sair vitoriosos da luta contra os seus adversários.

No contrato de metalúrgicos para 1923 tinham-se introduzido uma escala móvel de salários, de acordo com a qual deviam ser reduzidos de 5 ore por hora, no caso em que a diminuição dos preços alcançasse um índice de 232. Em Agosto de 1923 o índice era de 239 e os preços aumentavam diariamente. Os metalúrgicos estavam certos que em Outubro não se faria redução alguma de salários. Em meados de Outubro, tornou-se conhecido de repente nas fábricas que o índice dos preços tinha baixado para 230, e que os salários deviam ser reduzidos a contar do primeiro de Outubro. O proletariado ficou extraordinariamente surpreso.

Como podia encontrar a repartição central de estatística uma baixa do índice dos preços, quando todos os artigos de importância vital aumentavam de preço? Os trabalhadores não podiam ficar contentes com semelhante ditadura da associação capitalista, e paralisaram o trabalho espontaneamente na maioria dos estabelecimentos da Cristiania e Fredrikstad. Cinco mil metalúrgicos foram para a luta sem pedir autorização aos seus chefes. Isto era uma coisa única na história do proletariado pacífico e legítimo da Noruega.

A organização nacional reformista, a associação de operários metalúrgicos e todas as outras associações sindicais que estavam comprometidas nesse conflito foram citadas de acordo com a lei de arbitragem reconhecida pelos comunistas.

O tribunal declarou ilegal a greve, e interviu as associações operárias a exigirem publicamente aos grevistas que retomassem o trabalho. Essa exigência foi publicada na imprensa dos sindicatos reformistas com a assinatura das comissões dirigentes. E o mais curioso é que o tribunal que exigiu que os operários retomassem o trabalho era composto dum comunista e dum social-democrata. Os metalúrgicos não ligaram importância ao pedido, e continuaram a greve. Encontraram em toda a parte ampla simpatia, e foram financeiramente auxiliados em todos os rincões da Escandinávia.

Por causa da não admisso do entendimento judicial o comité de acção dos grevistas foi metido num processo, e conde-

nado a uma multa. A resposta do comité de acção, no entanto, foi fazer um apelo aos trabalhadores, para que apoiassem a greve. O órgão dos sindicalistas, *Alarm*, e alguns outros jornais, que publicaram o manifesto, ficaram expostos às perseguições judiciais.

A greve dos metalúrgicos persistiu, no entanto, mantendo-se sete meses.

Em meados de Janeiro os operários de transporte e dos portos declararam-se em greve. Estiveram antes disso nove meses em negociações por causa duma nova tabela de salários. Os operários pediram aumento de salário; e os capitalistas queriam ainda reduzir mais os existentes. Quando os operários perderam a paciência, e se declararam em rebelião, os capitalistas tentaram trabalhar com amarelos. E as organizações reformistas intervieram também aqui como "fura greves". Os electricistas organizados facilitaram a corrente eléctrica aos traidores, os marinheiros mantiveram o tráfico marítimo, e a polícia ocupou as zonas dos portos com guardas armados. Essa greve foi pois dirigida dum forma declaradamente reformista.

No entanto, os amarelos não puderam pôr em marcha o trabalho nos portos. Além disso, havia a "greve ilegal" dos metalúrgicos, que os patrões tinham querido furar por gosto. Para conseguir isto declararam alguns capitalistas o *lock-out*. Esta luta durou quatro meses. Em Março de 1924 encontravam-se 70.000 operários em greve, ou sofrendo o *lock-out*. Os chefes dos sindicatos reformistas caíram de joelhos diante da associação patronal, e solicitaram novas negociações sobre os salários, a fim de se fazer um contrato. Quando os capitalistas viram a fraqueza dos chefes do proletariado fizeram-se ainda mais exigentes.

Os trabalhadores apresentaram a ideia dum greve geral para se chegar a uma solução.

Porém os chefes não queriam saber de nada disso. Pelo contrário, dirigiram-se aos intermediários estatais, a fim de que intervissem. Estes fizeram uma proposta de mediação, reconhecida pelas associações patronais e pela organização central reformista, porém repelida pelos trabalhadores. Depois o ministro para os assuntos sociais fez uma nova proposta que a central reformista aprovou igualmente, e recomendou aos seus membros. Também os capitalistas estão de acordo com essa proposta; os metalúrgicos, que estão em luta há sete meses serão sacrificados completamente com esta proposta. O resultado da votação dos trabalhadores não é conhecido ao escrever-se estas linhas.

Porém os metalúrgicos demonstraram já a sua vontade de resistir ao servilismo dos chefes.

O partido comunista quiz medrar com a greve dos metalúrgicos. Esses senhores, que sancionaram a lei dum tribunal obrigatório de arbitragem, elogiam agora em elevado tom os trabalhadores que resistiram à dita lei. A política de simulação, que empregam os comunistas da Noruega é particularmente absurda. Quando se trata de pescar os votos e o dinheiro dos trabalhadores, então não vacilam perante meio algum.

Caíl O. TANGEN
(Da "Internacional", órgão da A. I. T.)

O SINDICALISMO EM MARCHA

Na Figueira da Foz organizou-se o Sindicato dos Manipuladores de Pão

FIGUEIRA DA FOZ, 7. — Com regular concorrência realizaram-se no domingo e segunda-feira, na Associação dos Carpinteiros Civis Figueirenses, sessões de propaganda sindical tendentes à constituição desta cidade do Sindicato dos Manipuladores de Pão. Promovidas por intermédio do Comité de Propaganda Confederal e Sindicato dos Manipuladores de Pão de Coimbra e alguns elementos desta cidade, elas tiveram o êxito apetecido, pois formou-se a comissão organizadora do Sindicato que ficou já a funcionar, tendo a assembleia desta classe resolvido aderir à C. G. T.

Nas sessões levadas a cabo fizeram uso da palavra os manipuladores de Pão de Coimbra Mário Martins Moreira e João de Leiria, e ainda Arnaldo Simões Januário, individualmente.

Seguidamente o delegado do Comité P. Confederal iniciou a sua palestra de propaganda sindicalista, e referindo-se à necessidade da organização e união dos trabalhadores, tendo agradado. A comissão organizadora ficou composta por António Gonçalves Nujo, Augusto Roque, Priamo Gonçalves e José Adelino Torres.

A classe reúne novamente amanhã

Para ultimar os trabalhos de organização e instalação do Sindicato que ficou denominado "Sindicato dos Operários de Padaria da Figueira da Foz e Arredores", realizou-se domingo e segunda-feira próxima, pelas 18 horas e 10, respectivamente, na Associação dos Carpinteiros Civis Figueirenses — à rua da Lomba, 7 — duas novas sessões, devendo nessa altura serem entregues aos sindicatos as cadernetas confederais.

Os estatutos já foram elaborados e discutidos, devendo seguir breve para a aprovação oficial.—E.

Cooperativa Lisboense de Chauffeurs

Sociedade Cooperativa de Responsabilidade Limitada

A requerimento da direcção, convocou a assembleia geral extraordinária, para o dia 22 do corrente, pelas 21 horas, no largo de São Domingos, 11, 2.º, J., para assunto referente ao n.º 5.º do artigo 8.º e ao artigo 29.º dos estatutos da Cooperativa.—Lisboa, 6 de Julho de 1925.—O presidente da mesa, Manuel Maria Marques de Oliveira.

ASSINEM Os mistérios do Povo

HORARIO DE TRABALHO

Condutores de Carroças

Continua em luta o pessoal das casas Alfredo Rosário Faria, José Martins & C.ª, F. H. de Oliveira, Francisco Gonçalves Barrocas, Pedro Pio, Moraes & C.ª e Santos Silva.

Aderiram às reclamações do horário de trabalho até à presente data as seguintes casas: Tavares & Soares, Tomás José Martins, José C. Ferreira, António J. Fernandes, José Francisco e José Madeira. Hoje a comissão vai fazer várias demarches esperando que outros dêem o horário muito em breve. Devem os operários continuar na mesma atitude que até aqui têm mantido.

Reúnem hoje, pelas 20 horas, a comissão administrativa, a comissão de demarches e secção do Povo do Bispo.

A classe reúne em assembleia magna na sua sede central, calçada do Combro 33-A, 2.º, amanhã, pelas 14 horas, devendo comparecer todos os operários em luta.

A indiferença pela organização, em Peniche, permite a não existência do horário de trabalho

PENICHE, 6. — Devido à inércia de alguns operários não é aqui acatado o horário normal de trabalho.

Na indústria de conservas não deve isso causar admiração se atendermos a que os trabalhadores dela mais se preocupam com o futebol que com a defesa dos seus interesses, pois é diminuta a concorrência das sessões convocadas para dêles tratar.

Na fábrica Benito Garcia, Limitada, no sábado passado, por alguns dos operários disserem que, se os outros industriais dessem ao pessoal o horário de 8 horas, também o queriam, logo sete dêles foram despedidos.

Coisa curiosa, a gerência, que só tinha dinheiro para lhes pagar o salário da semana decorrida na quinta ou sexta-feira da presente, logo o descobriu para lhes pagar e despedidos.

Providências é inútil reclamá-las, pois o imperador da fábrica, José Leitão, é tio do actual presidente da câmara municipal que também exerce as funções de delegado do governo.

Na construção civil ainda a situação é pior, pois não havendo organização dessa especialidade, uns trabalham 10 horas por dia, outros de sol a sol, isto sem se lembrarem que alguns operários da mesma indústria estão na miséria por não terem onde empregar a sua actividade, o que não aconteceria se o horário máximo de oito horas de trabalho diário fosse um facto.—C.

Na casa Bucknall em Odeira

ODEIRA, 7. — Na casa Bucknall está-se desrespeitando a lei 5516, referente ao horário de trabalho, com a complacência das autoridades.

Há dias, como dois caldeirosos se tivessem recusado a fazer horas suplementares, ameaçaram-nos com a redução do salário, tendo os operários então accedido.

Depois exigiram ainda mais trabalho e negando-se a fazer-no outros se ofereceram para tal, resultando ficarem quatro operários fazendo quatro horas suplementares nesse dia; foram êles: António Viriato, José João, António Rato e António Filipe. É lamentável o que se está passando, mas tem-se medo de protestar, ou agir como se devia, porque quem o fizer sujeita-se a ser despedido.

Se entre o pessoal dessa casa existisse a necessária coesão, certamente os patrões não poderiam tão à vontade fazer atropelar o horário de trabalho.—E.

A fiscalização no Comércio

As comissões de vigilância da Associação dos Caixeiros de Lisboa continuam a exercer a sua acção, no sentido de se cumprir o actual regulamento do horário de trabalho, verificando-se que na Baixa é regularmente cumprido excepto algumas mercearias já consideradas como recalcitrantes, sendo por isso ontem multada a Casa Silva & C.ª da rua de Santa Justa, 18.

As autoridades de Sintra ao lado do comércio contra a lei

SINTRA, 9. — Nesta localidade os empregados no comércio não cumprem o horário de trabalho.

Alguns dias passados sobre a publicação do decreto que regulamenta o horário, em todas as casas ele era cumprido, havendo apenas três empregados que o não respeitavam.

Pois hoje já em parte alguma vigora o estatuto no aludido decreto, e isto porque o próprio substituto do delegado do governo, que é comerciante, força o seu pessoal a trabalhar das 8 às 20 horas!

Ignorará o delegado do governo estes factos? ou estará de acordo com as forças vivas?

O sindicato dos empregados no comércio tem feito as devidas comunicações às autoridades respectivas, esperando baldadamente que elas as tomem em consideração. Temos, pois, as autoridades a atropelarem a lei que lhes compete fazer respeitar.

Aos empregados no Comércio só resta organizarem-se fortemente para poderem responder com energia aos seus exploradores.—C.

Secção Telegráfica C. G. T.

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

Porto.—Manipuladores de Pão.—O dr. Campos Lima dará as explicações pedidas no vosso officio.

Faro.—Descarregadores de Mar e Terra.—Respondendo ao vosso officio de 8 do corrente, vai advogado.

Almada.—Construção Civil.—Digam situação de José Gordinho para efeito de subsídio.

Federações

FEDERAÇÃO DE TANOARIA

Sindicato de Almada.—Digam com urgência o nome do delegado que vai ao congresso e enviem os vossos trabalhos elaborados.

Sindicato de Goitães.—Recebemos vale e 500.000. Amanhã voltamos a Alfindega.

MOBILIARIA

Delegação Federal do Norte.—Se hoje carta registada, Acusem recção.

VIDA SINDICAL

C. G. T.

Conselho Confederal

Sob a presidência de Inácio Marques, secretário por Virgílio de Sousa e Jerônimo de Sousa, reuniu em 29 do passado mês o Conselho Confederal para prosseguir na discussão dos trabalhos da sessão anterior.

O primeiro delegado a fazer uso da palavra foi Silva Campos que, na qualidade de secretário geral, informou o Conselho de que a C. G. T. ainda não recebeu resposta da U. S. O. de Évora sobre a transferência do local para a realização do Congresso Confederal. Em sua opinião o conselho deve resolver o assunto nesta sessão.

Almeida Marques diz que se vê privado de tratar dum assunto urgente. Por esse motivo alvira que em todas as sessões, indistintamente, se deve respeitar a meia hora antes da ordem. O Conselho aprova. Prosseguiu, Almeida Marques informou que no dia seguinte realizava-se uma assembleia no S. do P. do Arsenal de Marinha onde será discutido o relatório do delegado à C. G. T. que alca a central operária. Em virtude disso propõe que o Conselho nomeie um seu delegado a quem reinará. Aprovado e nomeado o secretário geral.

Manuel Nunes lembra que deve ficar ao cuidado do comité confederal de enviar delegado à Federação Marítima.

Santos Arranha lembra que o comité deve enviar delegados a todas as sessões.

Rio aludindo à autorização dada ao Secretariado de Propaganda para combater as insidias da Internacional, chama a atenção do Conselho Confederal para o não cumprimento dessa resolução.

Silva Campos diz que se não há nada feito, não é pela sua ausência às reuniões. Artur Cardoso entende que o conselho deve desde já nomear o elemento que falta no Secretariado de Propaganda.

Santos Arranha propõe que seja aumentado para 5 o número dos componentes do Secretariado de Propaganda. Aprovado, e nomeados: Santos Arranha, Almeida Marques e Manuel Perez.

Almeida de Oliveira, administrador de A Batalha diz que, em virtude do suplemento literário não corresponder em absoluto às necessidades da propaganda, a editorial de A Batalha resolveu publicar uma revista, a qual será dada o nome de Renovação.

Almeida Marques apresenta uma moção que conclui assim:

1.º Suspender imediatamente o aparecimento da revista Renovação até que o administrador de A Batalha e "piso facto" da sua Secção Editorial apresente um relatório sucinto sobre o assunto.

2.º Indicar ao Comité Confederal que inclua na ordem de trabalhos duma das próximas reuniões do Conselho a apreciação das deficiências que se constatarem em todos os serviços de A Batalha.

Rio pergunta se a administração do jornal foi autorizada a publicar a nova revista. Joaquim de Sousa concorda com Almeida Marques.

Alfredo Pinto diz que o conselho deve apenas pronunciar-se sobre a doutrina do documento de Almeida Marques.

Silva Campos entende que deve permitir-se a saída do 1.º número de A Renovação e depois discutir-se o assunto.

Jerônimo de Sousa apresenta o seguinte aditamento à moção de Almeida Marques:

Em aditamento à moção proponho que o Comité Confederal verifique se nas actas do conselho há alguma resolução tomada sobre assuntos identicos aos em discussão. Falam ainda Artur Cardoso, Francisco Viana, Mário Pinto, Santos Arranha, Almeida Marques, Joaquim de Sousa e Henrique Rijo.

Almeida de Oliveira requer, sendo aprovado, que a moção de Almeida Marques seja votada na especialidade. Aprovado. Posta à votação, foi aprovado o primeiro número por 8 votos e rejeitado por 5 votos e uma abstenção. O segundo número foi aprovado por unanimidade.

Em seguida Alfredo Pinto, delegado da F. Rural fala sobre o Congresso Confederal, apresentando a seguinte proposta:

Em consequência da Federação Rural realizar o seu congresso na cidade de Santarém, para um aproveitamento de verba a gastar com o Congresso Confederal proponho que este se realize também em Santarém, local onde existe grande necessidade de propaganda associativa.

Santos Arranha propõe que a organização publique em A Batalha o nome da localidade onde se realiza o Congresso.

Sobre o congresso falou Virgílio de Sousa, Alfredo Pinto e Henrique Rijo.

Por último foi resolvido agregar ao Conselho Jurídico os delegados Almeida de Oliveira e Silva Campos.

C. S. T. L.

Conselho Geral

Reuniu ontem o conselho geral deste organismo, que largamente se ocupou das prisões arbitrárias e deportações de operários.

— Foi nomeada, depois de uma interessante discussão, uma comissão pró-libertação dos presos e deportados sociais.

O conselho aceitou como novos delegados Homero Ramalhal e Daniel Silva, pelos impressores tipográficos, e Manuel Rodrigues, dos Descarregadores de Mar e Terra.

Estiveram representados os seguintes sindicatos: E. M. Comércio e Indústria, Litógrafos, Manufactores de Calçado, Escritórios Encadernadores, Municipais, Indústria de Conservas, Condutores de Carroças, Alfaiates, Caixeiros, Barbeiros, Construção Civil, Metalúrgicos, Confeiteiros e Chocolateiros, Impressores, Descarregadores de Mar e Terra, Tanoeiros.

Presidiu o delegado dos Alfaiates, e secretariaram os delegados dos Escritórios e Indústria de Conservas.

A comissão nomeada por este organismo pró-libertação de presos e deportados sociais convida a comissão pró-presos a reunir conjuntamente hoje, pelas 21 horas.

COMUNICAÇÕES

Federação de Calçado, Couros e Peles.—Conselho Confederal.—Reuniu ontem este conselho com a presença dos seguintes

sindicatos: S. U. do Porto, Manufactores de Lisboa, Penafiel, Póvoa de Varzim, Beja Faro e Évora.

Aberta a sessão do conselho pelo secretário geral, é dada a posse aos delegados dos organismos representados, depois do que é lido o relatório da Comissão Administrativa que propõe nas suas conclusões que o conselho aprecie a seguinte ordem de trabalhos:

1.º Apreciar a acção da comissão administrativa desde da sua posse até à data; 2.º nomear o secretário arquivista em conformidade com a resolução do Congresso; 3.º resolver a atitude do secretário administrativo; 4.º resolver a forma de dar praticabilidade às resoluções do Congresso.

Apreciado o relatório é aprovado com a seguinte moção:

— O Conselho Federal, apreciando o relatório da comissão administrativa e partilhando os seus actos no interregno que media entre a realização do Congresso, e a realização deste conselho, atendendo a que a mesma fez tudo quanto em tais circunstâncias é possível fazer-se e por vezes, mais do que lhe cabe-o que é para loivar—resolve aprovar a sua acção e consignar o seu regosio porque a vida federal não sofreu interrupção na sua acção colectiva.

Os delegados do M. C. de Lisboa.

Entra-se na apreciação da ordem de trabalhos.

O primeiro ponto está resolvido pela moção já aprovada.

O 2.º foi nomeado secretário arquivista Jaime de Oliveira e Castro.

3.º Oficial ao secretário administrativo comunicando-lhe a resolução do conselho.

4.º É aprovada a seguinte proposta: que a comissão administrativa apresente a uma próxima sessão um parecer sobre a forma de dar praticabilidade às resoluções do último Congresso, parecer que venha a ser apreciado pelo conselho com conhecimento de causa e deliberar conscienciosamente em conformidade com as possibilidades de realização, agregando a comissão os elementos que julgar necessário.

Foi apreciado o officio da Federação Nacional Unitaire des Cures Et Peaux sobre a representação deste sindicato à Confederação Internacional, a realizar em Setembro. Foi resolvido enviar um relatório expondo os pontos de vista da Federação.

Federação Metalúrgica.—Comissão Administrativa.—Em sua reunião ordinária tomou conhecimento duma entrevista que o ministro do Comércio se dispõe a conceder sobre as reparações de navios portugueses no estrangeiro.

A mesma comissão também se ocupou da pouca acção de alguns organismos aderentes, resolvendo manter com êles uma intensa correspondência e enviar, se tanto for conveniente, delegados a êsses organismos. Resolveu officiar aos sindicatos de Vila Real de Santo António, Marinha Grande, Abrantes e Vieira de Leiria sobre a nomeação de delegados ao Conselho Federal.

De harmonia com as resoluções do congresso corporativo, deliberou enviar à comissão organizadora do Congresso Confederal a tese: "Assistência social — Suas deficiências e o operariado".

Federação Mobiliária.—Reuniu anteriormente o conselho federal com a representação de todos os organismos aderentes.

Apreciou o expediente que constava de officios dos sindicatos do Porto, Braga, Guimarães, Coimbra, Faro, Gonçalo, Lisboa e Delegação Federal, ao qual foi dado o devido destino. Foi apresentado o balanço referente ao 1.º semestre do corrente ano que foi aceite, nomeando-se a comissão revisora de contas que ficou composta por Manuel Perez, Joaquim Ribeiro e José Dias Lobo.

O relatório da comissão revisora das contas do 2.º semestre de 1924 ficou para ser apreciado numa próxima sessão.

Apreciou também um officio da Delegação Federal o qual fazia sentir a necessidade de verba para desenvolver a propaganda. Resolveu-se atender, na medida das possibilidades existentes. Sobre a greve dos operários mobiliários de Guimarães, resolveu que a Delegação do Norte envie delegados àquella localidade a fim de auxiliar os grevistas. Sobre este assunto tomaram-se ainda outras resoluções.

Exposta uma desinteligência haviada entre os delegados desta Federação à C. G. T. e o secretário geral foi esta sanada com uma moção, após explicações trocadas.

Tratou-se da provável realização do 2.º Congresso Corporativo, resolvendo que a comissão organizadora apresente um parecer sobre o assunto na próxima sessão do conselho.

Foi ainda aprovada uma moção sobre a necessidade de desenvolver a propaganda, dependendo a sua realização dum entendimento com a C. G. T.

Federação Nacional dos Trabalhadores dos Caminhos de Ferro.—Reuniu a Comissão Executiva tratando de vários assuntos importantes e resolveu fazer-se sempre representar nas reuniões ferroviárias que tratem de assuntos referentes à Federação.

Nomeou delegado à sessão dos ferroviários da C. P., a realizar amanhã em Alfaiates, Mário Castelhan, conforme convite que lhe foi dirigido.

CONVOCAÇÕES

REÚNEM HOJE

Sindicato dos Profissionais da Imprensa.—Hoje, pelas 17 horas, a assembleia geral ordinária dos sócios do Sindicato dos Profissionais da Imprensa de Lisboa, a fim de a direcção relatar os trabalhos realizados no trimestre findo.

Manufactores de Calçado.—Reúnem hoje, em assembleia geral para apreciar o relatório do delegado ao congresso da indústria e da comissão revisora de contas do 2.º semestre de 1924.

Trabalhadores do Tráfego.—A assembleia geral, pelas 8 horas da manhã.

DIAS PRÓXIMOS:

Federação Mobiliária.—Reúne na próxima semana o conselho federal.

S. U. Mobiliária.—Reúne na próxima

terça-feira, a assembleia geral com a ordem de trabalho já anunciada.

Manipuladores de Pão.—Reúne amanhã a assembleia geral, pelas 17 horas, para apreciar a atitude dos fiscaes para com a comissão.

Sindicato Metalúrgico.—Reúne na próxima a terça-feira, pelas 20,30 horas, a assembleia geral em continuação da ordem

Um congresso dos sindicalistas da Suecia

Os sindicalistas suecos, cuja organização tem o nome de "Organização central dos trabalhadores suecos" (S. A. C.) reuniram-se nos primeiros dias de Junho findo no seu sétimo congresso. Houve 161 delegados presentes representando 324 organizações com 40.000 membros. A A. I. T. esteve representada por Augustin Soucy.

Entre outros assuntos debatem-se o caso da cedença de uma pagina do "Arbetsnärar" partido comunista que se separou de Moscovia.

O congresso aprovou a attitude da redacção nesse assunto. Eis uma prova de que os comunistas moscovitas não possuem nenhuma influencia no movimento sindicalista da Suecia. Pelo contrario o congresso colocou-se dentro do ponto de vista do segundo congresso da A. I. T. em Amsterdão resolvendo convidar a União anarquista sueca para os debates.

O sétimo congresso sueco expressou assim a opinião de que entre os partidos politicos parlamentares que querem conquistar o poder do Estado e as tendencias que aspiram à destruição de todo o poder central governativo, do Estado e do Capitalismo, há uma diferença essencial.

O congresso estudou também os mais importantes problemas do movimento operário sueco.

Historiou-se longamente as origens e as consequências prováveis da actual guerra no Rif.

Também se debatem o problema dos tratados colectivos o que foi uma grande significação para os sindicalistas, pois no norte da Suecia, as organizações sindicais são, na sua maioria, as mais importantes e realizam lutas independentes contra o capitalismo.

O congresso também deu provas de solidariedade internacional, concedendo 200 coroas suecas para os camaradas da Noruega, que estão em greve ou que sofrem "lock-outs", enviando além disso um protesto ao governo norte-americano reclamando a libertação de Sacco e Vanzetti e dos outros operários presos.

Também se aceitou um voto de solidariedade para com as vítimas da reacção em todos os países, incluindo a Rússia dos soviets.

O problema da contribuição à A. I. T. foi resolvido de acordo com a decisão do segundo congresso desta associação. As manifestações contra a guerra e o militarismo a